



revista de
POLVOREIRA
GUIMARÃES

passado

presente

futuro

Cuidem de nós...

OUTUBRO 2020

Número: 34

REVISTA MENSAL DA JUNTA DE FREGUESIA DE POLVOREIRA



As autarquias locais antes da República

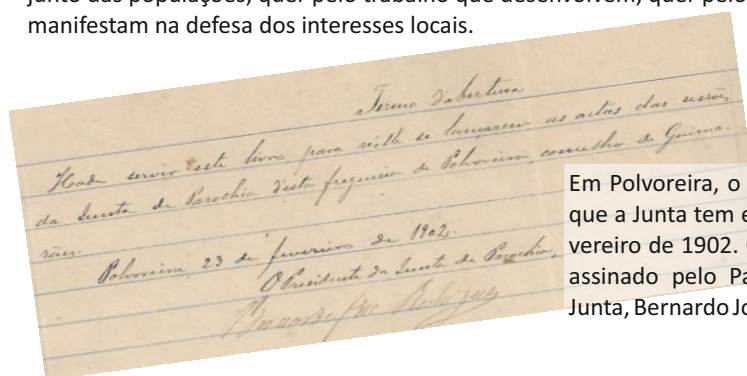
Pode-se afirmar que a Freguesia é uma consequência lógica da evolução das Paróquias, e teve origem em 1830, pelo Decreto n.º 25.

A partir dessa altura, e na base desse Decreto, em cada Paróquia haveria "uma junta nomeada pelos vizinhos da Paróquia e encarregada de promover e administrar todos os negócios que forem de interesse permanente local".

De acordo com aquela lei, passaram as Paróquias/Freguesias a fazer parte, como autarquias locais, do sistema administrativo público do Estado.

Em 23 de junho de 1916, com a publicação da Lei n.º 621, as paróquias civis transformaram-se em Freguesias autónomas do poder eclesiástico. Poder-se-á mesmo dizer que, com essa lei, as autarquias locais atingiram a sua maioridade.

Hoje as Juntas de Freguesias são órgãos do Estado que se afirmam, cada vez mais, junto das populações, quer pelo trabalho que desenvolvem, quer pelo empenho que manifestam na defesa dos interesses locais.



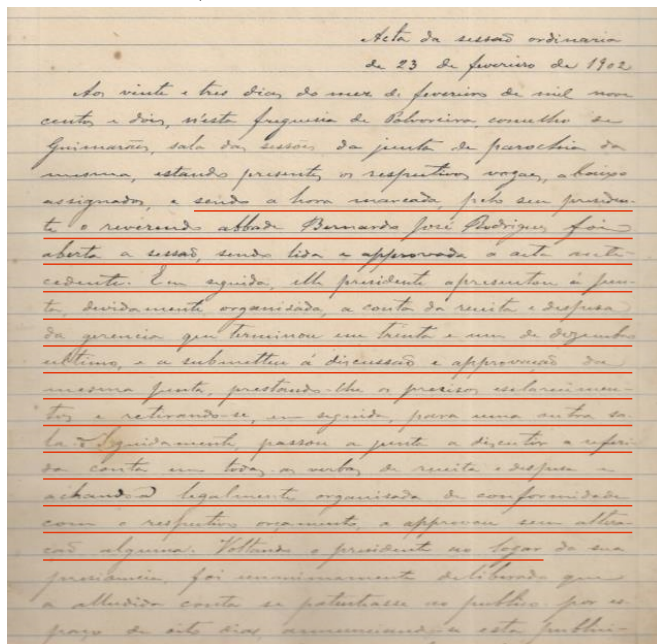
Em Polvoreira, o primeiro livro de actas que a Junta tem em arquivo, data de Fevereiro de 1902. O Termo de Abertura é assinado pelo Pároco e Presidente da Junta, Bernardo José Rodrigues

A primeira acta refere-se à aprovação das contas do ano de 1901. Fará 120 anos daqui a alguns meses. De salientar que, por esse altura, o sentido ético do pároco e em simultâneo presidente da Junta era muito elevado. Como se constata da leitura da acta, o pároco/presidente da junta, depois de apresentar as contas retirou-se para uma sala e deixou que os restantes membros discutissem as contas à sua vontade, sem coação de qualquer espécie, e só depois de elas aprovadas regressou à sala nobre da Junta.

Como temos de aprender com os nossos antepassados!

Excerto da acta de 23 de Fevereiro de 1902

...sendo a hora marcada pelo seu presidente, o reverendo abbade Bernardo José Rodrigues, foi aberta a sessão, sendo lida e aprovada a acta antecedente.



Em seguida, elle presidente apresentou à junta, devidamente organizada, a conta da receita e da despesa da gerência que terminou em trinta e um de dezembro último e a submetten á discussão e aprovação da mesma junta, prestando-lhe os precisos esclarecimentos e retirando-se em seguida para uma outra sala. Seguidamente passou a junta a discutir a referida conta em todas as verbas de receita e despesa... e a aprovou sem alteração alguma.

Voltando o presidente ao logar ...



Os documentos oficiais expirados passam a ser válidos até 31 de março de 2021, decidiu o Governo. "Prorrogação até 31 de março de 2021 da atendibilidade dos documentos expirados (cartão do cidadão, certidões e certificados emitidos pelos serviços de registos e da identificação civil, carta de condução, documentos e vistos relativos à permanência em território nacional, bem como as licenças e autorizações)", segundo o comunicado do Conselho de Ministros.



Iniciaram-se os trabalhos de colocação de estruturas de abrigo nos acessos à Escola EB J1 de Polvoreira, para que os nossos alunos se possam proteger da chuva. O melhor para os nossos alunos!



URBANISMO - A Freguesia de Polvoreira foi contemplada com um apoio de €23.785,17, através de delegação de competências, para intervenção na Rua de São Pedro, sendo esta municipal. Foi ainda aprovado o valor de €96.745,10 para execução de obras de requalificação nas seguintes ruas: Casal de Fardel; da Cerca; das Veigas; Vista Alegre; do Barreiro; Narciso Pereira Mendes; da Igreja; Formigoso e Rua de São Pedro.

ÍNDICE

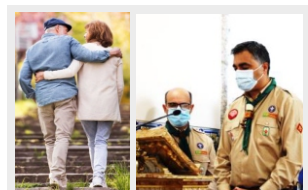
Nº 34 OUTUBRO 2020



04 e 05

Padre Isaac

1.º ano em Macau
Um Seminário diferente



06 e 07

Associativismo

Dia Mundial do Idoso
Centro Social de Polvoreira
Agrupamento 200



08

dos porquês...

Os Prémios Nobel da Física
e os buracos negros do universo



09

A IMPORTÂNCIA DA FÍSICA MÉDICA

Ressonância Magnética
Medicina Nuclear
e a Biofotónica



10 e 11

Escola de Polvoreira

Crónicas de,
Jorge Ascensão
e Sara Oliveira Freitas.



12 e 13

**Da nossa janela...
Cidadania**

Bento Assunção Freitas e Silva
Sebastião de Sousa e Silva



14

Diário de Teresa Gil
por, Nuno A.P.O.E. de Abreu

RAMIRO, I Rei Portualense
Irmão de criação de
Mumadona



Carlos Alberto Oliveira
Presidente da Junta de Freguesia de Polvoreira

EDITORIAL

Fiquei há dias muito entristecido por ter recebido uma mensagem de uma autoridade religiosa, sugerindo que a Revista de Polvoreira - não é um Boletim - estaria a promover a desunião entre as instituições na nossa freguesia.

Procurando fazer um balanço das relações, nestes últimos 20 anos, ou seja, neste século, só posso concluir que os primeiros catorze anos foram de uma convergência consciente, consciente e frutuosa entre o Centro Social da Paróquia e a Junta de Freguesia.

O trabalho realizado pelo Padre Isaac, extremamente elogiado pelas mais altas personalidade, civis e religiosas, que presidiram às cerimónias de inauguração das várias obras por ele levadas a cabo, só foi possível com o apoio prestimoso da Junta de Freguesia e da Câmara Municipal.

O que mudou, nestes últimos seis anos, para se chegar ao ponto que se chegou? O Pároco.

Com efeito, saiu o Padre Isaac Araújo e Silva, a quem, reconhecida, a freguesia atribuiu a uma Rua o seu nome, e tomou posse o Padre Francisco Xavier que fez questão de, desde logo, publicamente informar que vinha mandatado para fazer uma limpeza na Paróquia.

De imediato, foram cortadas todas as possíveis ligações entre Junta e Paróquia e anunciado que se iria auditar toda e qualquer actividade, até então realizada, no âmbito daquela frutuosa parceria.

Até hoje, tanto quanto é do meu conhecimento, não foram apontados factos que consubstanciassem a prática de qualquer crime. Houve mesmo gente, umbilicalmente ligada ao trabalho paroquial, que foi condenada em tribunal por difamação. E também, até ao momento, que eu saiba, jamais foram elencados, da cara descoberta, quaisquer comportamentos que permitissem sequer, sustentadamente, aventar tais hipóteses.

Em contrapartida, foram denunciados comportamentos do Pároco a quem de direito, comportamentos que objectivamente promoveram a divisão entre o Poder Autárquico e o Poder Eclesiástico. Comportamentos de quem, contra o que proclama em púlpito - A César o que é de César a Deus o que é de Deus. E não cumpre o que, Jesus Cristo aconselhou aos seus discípulos quando estes, instados por Fariseus, Lhe colocaram a questão: - Devolvi a César o que é de César.

Se algum responsável eclesiástico conhece factos dos quais se possa inferir um comportamento divisionista da minha parte que publicamente mo aponte!

Só gostaria que quem na administração eclesiástica tem responsabilidades pudesse solicitar-me o mesmo.



DIRECÇÃO Nuno M. P. de Abreu - @: nunodoraso@gmail.com
REDACÇÃO: A do Ribeiro do Pinto, António Gomes, Nuno A Pereira, C. Mota Reis, Maria A. de Portugal, Maria C. Gomes, P. Torres, Maria Carolina L. da Silva



DIRECÇÃO ARTÍSTICA Carlos M. P. de Abreu - @: c.miguel.abreu@gmail.com
IMPRESSÃO E ACABAMENTO - costaguerreiro,lda - Penselo, Guimarães
EMAIL: revistapolvoreira@gmail.com



PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Junta de Freguesia de Polvoreira, com sede na Rua do Formigoso, n.º 103, 4835 - 168, Telefones: 253 523 896; 253 557 128. Publicação periódica isenta de registo na ERC, ao abrigo da alínea b) do n.º 1 do artigo 12.º do Decreto Regulamentar n.º 8/99, de 9 de Junho, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar n.º 2/2009, de 27 de Janeiro.



O Padre Isaac parte VII

O primeiro ano em Macau

Quando falamos com o Padre Isaac sobre o seu percurso de vida, são tantas as recordações que tem armazenadas na sua memória, são tantos os pormenores entrelaçados que guarda no seu espantoso consciente, que nos perdemos no ritmo do tempo e do espaço que, afinal, como constatou Einstein, são duas perspetivas da mesma realidade.

No último número, ficamo-nos na estória do "sapa pança", sinónimo de deitar, em Singapura, contada ao Padre Isaac por um seminarista, já no Seminário de Macau, e que lá vivera. Só que, no roteiro que vimos seguimos, o Padre Isaac ainda não havia chegado lá. Encontrava-se a caminho desse destino, mais propriamente em Hong Kong, então ainda sob a soberania inglesa, cidade onde se dizia que o Ocidente encontra o Oriente, e uma das mais evoluídas do mundo da época, já com cerca de metade da população portuguesa.

Foi lá que, admirado, o jovem Isaac viu senhoras a usarem calças com a maior naturalidade, sem o espanto que constataria, anos antes, quando, pela primeira vez, viu junto da Igreja dos Congregados, em Braga, uma senhora, quiça, estrangeira, a fazê-lo e atrás dela seguir um cortejo de homens rindo do que consideravam talvez ser um espantalho. Ou talvez não. Ela, impávida e serena, orgulhosa mesmo, seguia o seu caminho!

Mas Macau estava próximo e lá aportaram dias depois. Despediu-se de pessoas que iam para Timor e que mais tarde lá encontraria e rumou para o Seminário de Macau devidamente acompanhado por um enviado daquela instituição.

O Seminário de Macau, de que faz parte integrante a Igreja de S. José, foi construído sobre uma colina, em 1758, e faz parte dos Monumentos Históricos do Centro de Macau, incluído na lista do Património Mundial da Humanidade pela Unesco. Aí funcionava um externato frequentado por portugueses/macaenses. Conta um ex-aluno, Rui Francisco, que frequentou aquele externato nos anos cinquenta, aquando do tempo do Padre Isaac, que os seus professores eram todos padres ou ex-seminaristas, grande parte deles oriundos dos Açores e Madeira.

Mas sigamos a versão que o Padre Isaac, que frequentou aquela em finais daquela década, teve a amabilidade de nos contar.

Entrou no Seminário por uma porta larga, lateral, por onde entravam os Sacerdotes e Seminaristas, sendo o portão principal, o que está na imagem reproduzida ao lado, destinado aos alunos do externato.

Antes de mais, foi apresentado ao reitor e a outros sacerdotes presentes. De seguida, foi enviado para a rouparia do Seminário onde entregou a mala que o acompanhava e, em contrapartida, lhe foi distribuída roupa pelas freiras que dela tratavam. Deram-lhe a provar várias batinas brancas até encontrar uma à sua medida. Devia usá-la sempre, menos nos recreios. Para usar nestes, forneceram-lhe uns calções e sapatilhas. Distribuíram-lhe ainda um sem número de pares de peúgas que deveria mudar diariamente e umas calças largas



Vista de Hong-Kong, em 1962



Ano escolar de 1953, do Externato e Seminário de S. José

próprias para climas quentes.

O Padre Isaac, sentiu-se gente, não um número. Ficou feliz com a indumentária.

Começava aqui uma nova etapa da sua vida. Outras gentes, outros climas, outras filosofias. Logo nos primeiros dias, após a entrada no Seminário, foi chamado ao gabinete do reitor. Ficava no piso superior onde residia também um grande número de professores. Foi-lhe apresentada ali uma proposta extraordinária. Inimaginável para quem tinha a vivência dos seminários em Braga e mesmo em Bragança! A proposta foi mais ou menos esta. Disse-lhe o Reitor:

- As disciplinas profanas e a aprendizagem de línguas são ministradas até ao 5º ano ou destinadas aos alunos do colégio. A partir daí para a formação dos seminaristas é muito mais importante o aprofundar das disciplinas exclusivamente eclesiais, como a filosofia e a teologia, sobretudo para quem ia trabalhar em terras de missão, como era Timor e Macau. Ora como já fez os estudos profanos em Braga e em Bragança, inclusive parte de Filosofia, estaria disposto a fazer o 2º e o 3º ano de filosofia num só ano lectivo?

Na verdade, os horários não coincidiam e isso seria, em princípio, exequível. Era uma proposta aliciante e isso permitir-me-ia, de certa forma, recuperar o tempo que a transição de Seminários me havia feito perder. Respondi que ia tentar. Se não conseguisse voltaria a falar com o reitor...

O Jovem Isaac assumiu a responsabilidade. Queria recuperar o tempo perdido graças a um Cónego-Reitor a quem já perdoara mas que não poderia esquecer. Foi um ano muito difícil apesar da condescendência de alguns professores. Sentia-se extremamente fatigado. Chegou a temer o esgotamento.



A esfera armilar num chafariz em Macau



Antigos alunos do Seminário de S. José

As médias não foram muito altas, 12 ou 13 valores, mais baixas do que aquelas a que estava habituado. Precisava mesmo de férias. E estas vieram felizmente depois dos exames...

Mas antes delas...

Entretanto, o Padre Isaac foi registando a nova realidade. Os seminaristas seus colegas eram agora de diversas origens. Chineses, timorenses, macaenses e alguns portugueses do continente. Em Filosofia havia apenas um Português. Em Teologia outro. E mesmo estes acabaram por desistir, passado algum tempo. Ficou como único português e o resto, em grande maioria, eram chineses. Um deles, baixinho, foi muito seu amigo. Chamava-se Fu-Chin. O seu português apresentava muitos erros sobretudo de concordância, mas percebia-se bem. Foi ordenado antes ainda do Padre Isaac que nunca mais o viu mas recorda com saudade.

Os professores eram todos estrangeiros. Um era português nascido em Goa. Ensinava liturgia e arte sacra em língua portuguesa, contrariamente aos outros que, pertencendo a diversas nacionalidades, usavam sempre o latim. Talvez devido a um conjunto de excelentes professores que encontrou, o Padre Isaac gostava e praticava o latim, língua que considerava essencial, não só para interpretar as Sagradas Escrituras, como mesmo para conhecer melhor a língua pátria que em grande parte dela deriva.

Dentro das nacionalidades dos professores que lhe couberam em sorte, recorda-se de vários. Um era italiano a quem nunca ouviu uma palavra em português. Outro era franciscano, também de origem italiana, que teria desempenhado várias funções no Oriente em terras de Missão, a quem também jamais lhe ouviu uma palavra em português.

Um Seminário diferente

Era professor de Ascética e Mística e da Sagrada Escritura, barra nesta disciplina eclesiástica, sobre a qual já escreveu dois livros.

Homem bom e sensível, quando o Padre Isaac esteve de convalescença após ter contraído a febre amarela, teve a amabilidade de lhe fazer companhia ao jantar. Soube mais tarde, já em Timor, que morrera de ataque cardíaco.

O professor de Teologia dogmática era um jesuíta belga natural da Flandres. Sem falar português, sem seguir os compêndios ditava os apontamentos nas aulas que os condiscípulos chineses tinham dificuldade em acompanhar. O então jovem Isaac era uma espécie de seu secretário. Perito em latim, era encarregado de elaborar os textos que o professor apresentava em sessões públicas para as quais lhe entregava os tópicos e nem sequer indicava qualquer bibliografia. Dava uma vista de olhos no fim ao trabalho e assumia-o como dele.

Outro professor de quem também guarda memória é do Professor de Direito Canónico. Cónego, natural de Macau, licenciara-se, talvez, em Roma. Falava correctamente o Português com sotaque de Macau. Foi Vigário Geral da Diocese e dirigia um Colégio Católico Chinês.

Como professor português recorda o de Teologia e Moral, natural de Trás-os-Montes. Fora muito novo para Macau, onde fizera os preparatórios de Filosofia e Teologia e fora ordenado sacerdote. Estava sempre pronto para visitar a sua terra natal. De riso fino, aparentemente irónico, gargalhava com muita facilidade provocando instintivamente a gargalhada de quem o ouvia.

Não quer esquecer ainda o Padre Isaac o seu professor de Polifonia, Canto Gregoriano e Harmónio. Era austríaco e chamava-se Schemit. Naquele tempo, celebravam-se na Sé vários Pontifícios solenes onde aí se destacavam o grupo Polifónico e procediam ao Canto Gregoriano que procuravam executar com perfeição. Esse sacerdote austríaco falava um pouco chinês e português. Era muito paciente. E se, por ventura, o jovem Isaac se enganava numa nota musical passava-lhe a mão pela cabeça e dizia em português acentuando os rr:

- Ahh, garrotinho...!

Ao recordar tantos sacerdotes de tantas nacionalidades diferentes, o padre Isaac, orgulhoso da sua fé, dasabafa:

- Perante esta realidade que de tão perto vivi, ao ver todos esses sacerdotes de países tão diferentes mas com a mesma fé e o mesmo objectivo de formar novos sacerdotes, não posso deixar de pensar na universalidade da salvação e como Deus quer que todos os homens se salvem!

António Gomes

Nota

No mês passado, referimos, por lapso, que o Padre Afonso que acompanhou o Padre Isaac na viagem para Macau, havia sido Administrador Apostólico da Diocese de Dili. Tal não corresponde à verdade. Quem ocupou o cargo em Outubro de 1977, foi D. Marinho da Costa Lopes, que nasceu em Timor, em 1917 e morreu em Lisboa, em Fevereiro de 1991 e foi um defensor acérrimo do povo timorense.



rubrica

Associativismo



O conjunto de Polvoreira arrancou com os treinos em vista à preparação da nova temporada. Após ter começado os trabalhos em Agosto, a turma liderada por Ricardo Macedo cancelou os mesmos, devido ao adiamento do começo da Divisão de Honra. Agora, com data marcada para 8 de Novembro, o Polvoreira espera que possa finalmente preparar, sem mais interrupções, a nova temporada.



FELIZ ANIVERSÁRIO José Pedro Novais

O dia 12 de Outubro, foi dia de festa.

A União Desportiva de Polvoreira desejou um Feliz Aniversário ao seu Presidente da Assembleia Geral, José Pedro Novais

Olhar de frente os nossos Idosos

A 1 de Outubro celebrou-se pela, 30ª vez, o Dia Internacional do Idoso. Este ano, a pandemia COVID-19 causou, nos idosos em todo o mundo, um impacto desproporcional e severo, não apenas em sua saúde, mas sobretudo nos seus direitos, como referiu António Guterres.

A população mundial está a envelhecer e, por isso, torna-se urgente repensar o papel dos idosos e a sua importância nas sociedades atuais. Segundo dados, um da OMS - Organização Mundial da Saúde - estima-se que até 2050, o número de pessoas com mais de 60 anos triplique e passe de 400 milhões para mais de 2 mil milhões a nível mundial.

Devido a muitas melhorias ao longo dos séculos, a expectativa de vida é de aproximadamente 79 anos para homens e 83 anos para mulheres. Mas nas culturas ocidentais modernas, diminuiu o status cultural do idoso. Hoje, muitos idosos encontram-se muitas vezes deslocados devido a restrições financeiras ou a incapacidade de viver independentemente. Muitos são obrigados a mudar para lares.

Na verdade, a cultura ocidental moderna é muito conhecida pelos focos individualistas em "juventude, autoconfiança e individualismo". E hoje muitas dinâmicas familiares mudaram dramaticamente, com mais avós do que crianças. Do ponto de vista sociológico, sempre houve alguma ambiguidade sobre a velhice. A velhice poderia ser vista como uma fonte de sabedoria e prestígio, mas também como um estágio de decrepitude e uma fonte de sofrimento.

Há, todavia, ainda na cultura mediterrânea e latina reminiscências de um passado onde os anciãos eram olhados como pessoas de grande importância a quem era confiado frequentemente o cuidado dos mais novos enquanto o resto da família se ausentava para trabalhar.

Certo é que, para que consigamos caminhar para uma sociedade inclusiva, devemos deixar de parte a visão assustadora do impacto do envelhecimento populacional, enveredando por via mais equilibrada, procurando implementar novas soluções que abordem desafios reais, tais como apoio à remodelação dos seus próprios lares tornando-os mais independentes ou garantir que aqueles que cuidam das pessoas idosas tenham a formação necessária para a desempenharem cabalmente.

O caminho para uma sociedade inclusiva das pessoas da terceira idade é longo, mas é necessário e possível.



Centro Social de Polvoreira

Certa noite, um casal de idosos estava deitado. O marido estava a tentar dormir mas a mulher, sentindo-se romântica, queria conversar. Disse-lhe: "Quando namorávamos costumavas pegar na minha mão." Tonto de sono, virou-se, segurou a mão dela por uns segundos, e voltou-se de novo tentando dormir. Alguns momentos depois, ela insistiu: "Dantes, antes de adormecer, costumavas beijar-me." Já um tanto irritado, virou-se, deu-lhe de raspão um beijo na face e tentou acomodar-se para dormir. Trinta segundos depois, diz-lhe ela de novo: "Então, também me dava mordidelas no pescoço." Zangado, afasta os lençóis e levanta-se de supetão da cama. "Aonde vais?", pergunta ela. "Vou buscar a dentadura!"

Humor na Terceira Idade

A idade não impede a felicidade



Duas velhinhas eram amigas, há já várias décadas. Durante todos esses anos, compartilharam vários tipos de situações e aventuras. Recentemente, recolheram-se num lar onde passam o tempo a jogar as cartas. Certo dia, estavam elas na jogatina, quando uma olhou para a outra, e disse: "Por favor, não fiques chateada comigo... eu sei que nós somos amigas há muitos anos, mas eu não consigo lembrar-me do teu nome. Já pensei, pensei, e não consigo. Relembra-mo se faz favor." A outra amiga olhou bem para ela. Por uns bons 3 minutos. Depois, pensativa, encarou-a e finalmente, respondeu: "Para quando precisas dessa informação?"

rubrica

associativismo

O Padre **Jacques Sevin** é talvez pouco conhecido no escutismo da nossa freguesia. Será por isso oportuno lembrar quem foi.

Como é do conhecimento corrente, o termo escutismo vem do inglês 'scout', explorar, e foi um movimento instituído em 1907, pela mão de Robert Baden-Powell, um oficial do exército britânico que, aproveitando a sua experiência militar, desenvolveu uma forma de treino e educação para crianças e jovens, preparando-os para a sobrevivência e para o serviço ao próximo.

Jacques Sevin nasceu em Lille, França, em 1882, entrou para ordem dos Jesuítas, em 1900, e foi ordenado padre, em 1914. Impressionado pelo método educativo do Escutismo, Sevin encontrou-se com Baden-Powell, em 1913, e escreveu a célebre obra "O Escutismo". Neste livro desenhou os princípios gerais do Escutismo Católico, na mais estrita fidelidade às intuições de B-P mas dando-lhe o complemento decisivo de uma leitura à luz do Evangelho.

Tendo feito o curso de Insígnia da Madeira, em Gilwell Park, Sevin levou o escutismo para França onde foi adoptado. Aos poucos começou a aplicar o método que, com o passar do tempo, depois de alguma relutância dada a sua origem anglicana, foi muito bem aceite nos círculos religiosos. Em 1920, baseado nas ideias e nos projectos de Jacques Sevin, começou oficialmente o Escutismo Católico em França com o nome de "Scouts de France". O sucesso foi imediato. Jacques Sevin, é também o autor da **Oração do Escuta**.

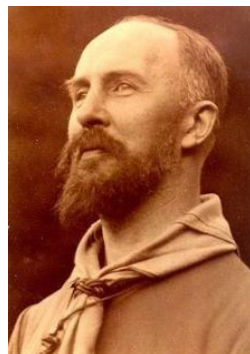
Em 1921, foi condecorado por B-P com a mais alta condecoração escutista: o Lobo de Prata.

Em 1923, fundou o Campo-Escola de Chamarande para Dirigentes.

Em 1924, foi chamado a Roma para aí "defender" o Escutismo, tendo reunido com membros de diferentes dicastérios e, inclusive, com o Santo Padre Pio XI.

A 12 de Maio de 2012, Bento XVI aprovou a publicação do decreto que reconhece as "virtudes heroicas" de Jacques Sévin, o responsável pela integração do movimento escutista no meio católico. Esta é uma etapa do processo que leva à proclamação de um fiel católico como beato, e permite que, após o reconhecimento de um milagre atribuído à intercessão do sacerdote, tenha lugar a sua beatificação, penúltima etapa para a declaração da santidade.

Senhor Jesus
ensina-me a ser
generoso,
a servir-Vos como Vós
o mereceis,
a dar-me sem medida,
a combater sem cuidar
das feridas,
a trabalhar sem
procurar descanso,
a gastar-me sem
esperar outra
recompensa,
senão saber que faço
a Vossa vontade santa.
Amen.



No passado dia 4 de Outubro, dia comemorativo de S. Francisco de Assis, Patrono dos nossos Lobitos, o Agrupamento 200 de Polvoreira viveu um dia especial. Na Eucaristia dominical, ocorreu a tomada de posse do Chefe de Agrupamento, Victor Silva, para o triénio 2020/2023.

O Agrupamento 200 teve a honra de acolher, neste dia de festa para o Movimento, o Chefe Nacional, Ivo Faria, o Chefe Regional Adjunto, Alexandre Novaes, o Chefe de Núcleo, Ernesto Machado e o Presidente de Junta de Freguesia, Dr. Carlos Oliveira, bem como representantes dos movimentos e associações da nossa Comunidade.

Victor Silva, o Chefe de Agrupamento empossado, teve oportunidade de agradecer a presença de todas as entidades, e em especial a do Chefe Nacional, Ivo Faria, pois, pela primeira vez um Chefe Nacional estava presente na tomada de posse de um chefe do Agrupamento 200 de Polvoreira.

Após a Eucaristia teve lugar uma visita à sede e a oferta da bandeira do Corpo Nacional de Escutas ao Agrupamento. No final, os convidados visitaram a sala nobre do Agrupamento, e aí o Chefe Nacional assinou o livro de honra, deixando um testemunho de incentivo e coragem para a árdua caminhada.



Luís Marinho

Assistente Nacional do CNE

Foi, durante largos anos, Assistente em diversos agrupamentos do Núcleo de Guimarães.

Em entrevista à "Flor de Liz", afirmou relativamente à pergunta: Qual a função do Assistente?

- "A missão do assistente em qualquer nível da associação está claramente definida no 27.º Regulamento Geral do CNE:

- "Representar a Hierarquia [da Igreja Católica] do CNE

- Animar, com os Dirigentes leigos, a comunidade escutista no sentido de ela ser espaço eclesial de evangelização e vivência da Fé".

Dito por outras palavras, **a minha missão é acompanhar**, na qualidade de presbítero, as pessoas e os processos.

Quanto à "Não Identificação Político-partidária", o artigo 8.º do Reg. do CNE diz:

- "O CNE não se identifica com qualquer ideologia político-partidária nem se integra em quaisquer organizações que subordinem a sua acção a tal ideologia. Os associados efectivos não podem exercer cargos comprometedores da sua integridade religiosa. Não é permitido usar ou revelar a qualidade de Escuta em manifestações de carácter político-partidário. O exercício de direcção partidária por dirigentes, determina a suspensão do exercício de cargos electivos no CNE".



Faleceu Alfredo Freitas e Silva, antigo chefe de Alcateia no Agrupamento. Dele falaremos no próximo número.



rubrica

dos porquês

O Prémios Nobel da Física e os buracos negros

A ciência é formulações matemáticas, reacções químicas, espaço e tempo. Mas é igualmente imaginação, fantasia e sentimento.

Este ano, ganharam o prémio Nobel da Física três cientistas: Roger Penrose pela descoberta de que "a formação de buracos negros é uma predição robusta da teoria da relatividade geral"; e Reinhard Genzel e Andrea Ghez pela descoberta de "um objecto compacto supermassivo no centro da nossa Galáxia".

O primeiro, já com 89 anos, comprovou matematicamente que a formação de um buraco negro é a comprovação da validade da teoria geral de Einstein, publicada há cento e cinco anos, que, aplicada à realidade do universo, justifica esses mesmos buracos negros.

Hoje, todos conhecem a história da maçã que Newton viu cair e concluiu que caía porque era atraída pela massa da terra. Daí afirmou que no universo os corpos com mais massa atraem os que tem menos massa. Por isso nos mantemos com os pés assentes na terra. E a terra gira á volta do Sol porque por ele é atraída.

Einstein, com a sua genialidade, começou a contestar a teoria de Newton, em 1905, porque, dizia, a teoria não explicava a velocidade da luz que era máxima, 300 mil quilómetros por segundo, e sem massa. Pensou nisso durante dez anos, findos os quais formulou uma teoria assente numa formulação matemática que só os matemáticos entendem. Afinal no universo não havia só as três dimensões do espaço: a largura, a profundidade e a altura. Havia outra: o tempo.

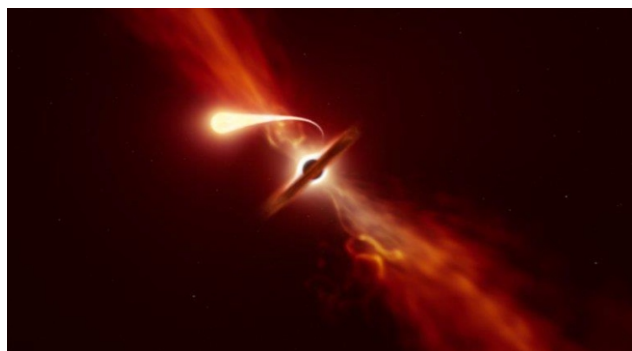
Ora físicos perscrutando o espaço descobriram os buracos negros, zonas das galáxias sem luz mas com gigantesca massa, nas quais nem Einstein, de início, acreditava.

Buracos negros são deformações extremas do espaço/tempo, onde até mesmo a luz é aprisionada. Todas as estrelas que nas suas órbitas deles se aproximam são "esparquetizadas", isto é absorvidas pelo buraco negro como quem absorve um fio de esparquete.

O primeiro físico galardoado encontrou formulações matemáticas para encaixar a formação de um buraco negro na teoria de Einstein. Os segundos encontraram um buraco negro na nossa galáxia.

Se por um lado fiquei a pensar que, em qualquer milénio futuro, o nosso Sol será esparquetizado por ele, por outro lado fiquei feliz ao tomar conhecimento que na atribuição dos prémios, a Academia Sueca mencionou o artigo de dois físicos portugueses que historia a origem da atribuição do nome buraco negro àqueles corpos celestes: Carlos Herdeiro e José Sande Lemos.

O nome de Buraco Negro foi dado por Robert Dicke, num colóquio em Princeton, no Texas quando comparou estrelas totalmente colapsadas gravitacionalmente ao "buraco negro de Calcutá". Segundo os filhos, Robert Dicke sempre que algo se perdia em sua casa, declarava: "Ah, deve ter sido sugado pelo buraco negro de Calcutá".



imagens de buracos negros no universo



Roger Penrose



Reinhard Genzel



Andrea Ghez



Na verdade, existiu um lugar denominado buraco negro de Calcutá, que ficou tristemente célebre na história Britânica na Índia. Tratava-se de uma pequena prisão do Forte William, em Calcutá, destinada a não mais do que dois ou três prisioneiros em simultâneo. Na sequência de uma disputa com a Companhia das Índias Orientais, que na altura controlava o forte, o governante local, Siraj ud-Daulah, mandou fazer um cerco ao Forte que acabou por ser conquistado em 20 de Junho, de 1756.

De acordo com a narração do britânico John Holwell, 146 soldados ao serviço da Companhia das Índias foram capturados. Os vencedores enclausuraram os capturados na pequena prisão do forte, conhecida como "buraco negro" na gíria dos soldados. Os prisioneiros foram tão apertados na pequena cela que foi difícil encerrar a porta. Durante essa noite, 123 dos 146 prisioneiros morreram, asfixiados ou esmagados.

Esta versão foi perpetuada durante o domínio britânico da Índia, havendo ainda um monumento que serve de memorial da tragédia na igreja de St. John's em Calcutá, em memória daqueles que "morreram na prisão Buraco Negro". Este relato, de mais de uma centena de homens comprimidos até serem esmagados num pequeno cubículo chamado buraco negro, inspirou Dicke a chamar **buraco negro** ao corpo celeste que esmaga contra a sua própria massa toda a massa de outros corpos celestes com menor massa e que atrai.

Nuno M. P. de Abreu



rubrica

da saúde



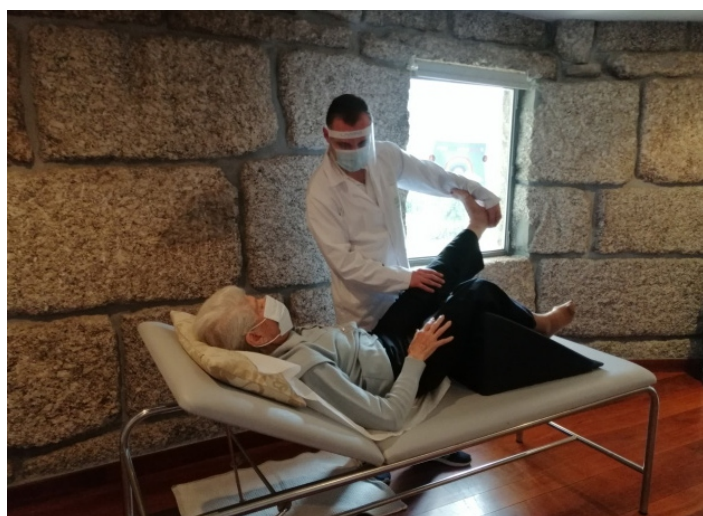
Departamento de Fisioterapia

«Numa recuperação em contexto neurológico, os métodos têm de ser obrigatoriamente reforçados e adaptados ao contexto clínico»

A partir de um caso clínico concreto, a coordenação do departamento de Fisioterapia do CNG, que regista uma procura crescente de solicitações, revela alguns dos fatores que contribuem para o sucesso da reabilitação de doentes em contexto neurológico.

Perante um caso tão difícil como o da D. Emília Monteiro, que dificuldades encontrou e como os ultrapassou?

O caso clínico da D. Emília foi acima de tudo um quadro de perda severa de equilíbrio e de coordenação motora de membros superiores e principalmente inferiores, tendo sido privilegiadas todas as técnicas de treino e reabilitação do equilíbrio estático e dinâmico, bem como todos os movimentos e gestos realizados no quotidiano da utente. O objetivo era devolver à utente a maior independência possível no mais curto espaço de tempo.



Os métodos foram os convencionais ou o caso exigiu fórmulas alternativas? Quais? Porquê?

Numa recuperação em contexto neurológico, os métodos têm de ser obrigatoriamente reforçados e adaptados ao contexto clínico.



No caso da D. Emília foi detetado um linfedema dos membros inferiores (pernas inchadas), tendo sido aplicada uma técnica de drenagem muito eficaz, mas bastante trabalhosa e, desta forma, eliminar o edema de forma completa.

Até que ponto a força mental do paciente é crucial em casos como este? E a do Fisioterapeuta? É alguém que não pode desistir?

A força mental de utente é essencial e a base fundamental da reabilitação pois uma a duas horas de tratamento clínico são imprescindíveis. No entanto, se os bons hábitos, exercícios e profilaxias forem praticadas no dia a dia do utente, quando bem explicados e exemplificados pelo terapeuta, será muito mais fácil atingir o célere sucesso clínico.

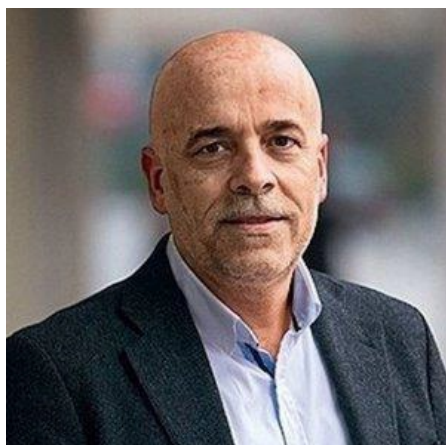
A do Fisioterapeuta é importante desde o primeiro dia de trabalho, desde o qual nunca nos podemos esquecer que somos agentes motivadores e influenciadores de boas práticas e hábitos. Temos de dar sempre bons exemplos e jamais desistir face a qualquer adversidade que possa surgir.

Contactos CNG
253 712 317 / 253 424 400



rubrica

a nossa...



Educar é... comunicar, conhecer, cooperar

por Jorge Ascensão



Ao longo dos últimos 46 anos, sobretudo dos 20 mais recentes, com a evolução da legislação, assistimos à progressão do debate sobre a educação, a missão da escola e as condições estruturais e de recursos do sistema educativo em Portugal, bem como da participação e do envolvimento das famílias e das comunidades locais. Uma evolução que se quer sustentada e intensificada na confiança e no compromisso entre parceiros, para promover uma real equidade de oportunidades e de proteção dos mais vulneráveis.

A produção normativa relacionada com a educação evidencia que estas questões assumem relevância nas preocupações dos decisores. Mas, ainda assim, não se deve tomar o todo pela parte, nem a parte pelo todo e esta pandemia realçou a necessidade premente do que ainda, muito, há para fazer e evoluir, sobretudo para concretizar as intenções plasmadas na legislação.

Os dados mostram que as crianças e os jovens com a «sorte» de terem um suporte familiar consolidado (a família que transmite segurança, confiança e afeto, com capacidade socioeconómica favorecida) são as que melhor conseguem os seus objetivos académicos e sociais. Embora se perceba que esta tendência não é, nem tem de ser, uma fatalidade, não deixa de pôr em causa se a escola está a cumprir a sua missão. Por outras palavras, se a escola está a constituir-se como o elevador social, que tanto se diz pretender que seja. No entanto, não podemos desvalorizar o papel da escola e a sua importância na vida de tantas crianças e de tantos jovens.

Os recursos, ou a falta deles, são muitas vezes identificados como fator causador da ineficácia do trabalho desenvolvido e do insucesso, seja ele qual for. Sendo verdade que a escassez de recursos prejudica a capacidade de se concretizar, é também verdade que essa escassez exige melhor comunicação e cooperação entre todos os que assumem responsabilidades no sistema educativo.

É sabido que a informação, a boa informação, é essencial para se conseguir com eficiência os resultados esperados. Contudo, tem-se assistido a diretores que não envolvem nem comunicam com as famílias (nem com as associações parentais, seus legítimos representantes) e, mais grave, com a pandemia, interpretam as orientações literalmente e decidem, às vezes de forma despota, não deixar estes representantes eleitos entrar nas escolas, como se entrar na escola ao final dia ou ao início da noite, cumprindo todas as condições de segurança estabelecidas, constituísse maior perigo.

Com decisões destas, só aumentam a desconfiança, afastam aqueles que melhor os poderiam ajudar e potenciam eventuais descontentamentos que só prejudicam a organização necessária em situações de crise. Persiste, em alguns, a dificuldade de reconhecer institucional e socialmente a missão das Associações de Pais e Encarregados de Educação como parceiros e legítimos representantes dos Pais e Encarregados de Educação.

Felizmente, cada vez mais diretores, alguns autarcas e outros decisores percebem a necessidade imprescindível de envolver e estabelecer relações de cooperação entre os diferentes intervenientes no processo educativo.

A autonomia, institucional e individual, é a condição de quem pode fazer opções, tal como de quem quer assumir a correspondente responsabilidade. A autonomia e a liberdade são princípios que todos desejam, pessoalmente, para poderem fazer as suas escolhas, mas que muitos recusam com receio da consequente responsabilidade. Quando os resultados não são o que se esperava, ou quando algo indesejável acontece, é mais fácil e mais cómodo responsabilizar do que responsabilizar-se.

Se os resultados escolares não são o que se esperava, a escola logo responsabiliza o aluno que não estuda e a família que "não sabe educar", o que nalguns casos pode ser verdade, mas é preciso parar um pouco para refletir se a escola está a conseguir cumprir o seu papel de comunicar (dar e obter feedback), motivar e envolver. Por seu lado, a família atira as responsabilidades para o professor e para a escola, o que, algumas vezes, também corresponde à realidade, mas a família tem de fazer a sua autocrítica sobre si, e como, tem cumprido a sua responsabilidade no processo educativo. A Escola e a Família precisam entender que a parceria entre ambas e o respeito mútuo são primordiais para os próprios objetivos e para o bem das crianças e dos jovens.

A Educação e a Escola não podem ser pertença só dos seus profissionais e das famílias. O Estado tem a responsabilidade fundamental de proporcionar os recursos e estabelecer as condições imprescindíveis à prossecução dos objetivos pretendidos no processo educativo. Compete ao Estado criar as condições para que haja boa comunicação e capacidade de conciliar o tempo da família com o da escola e o do trabalho...

In Observador





NESTE OUTONO...

A Literatura, a arte da palavra

por Sara Freitas
Docente na Escola Secundária
de Fafe



Toda a obra artística pode ser considerada como exemplar da sua época, já que está localizada num tempo, assente numa cultura, numa história e numa tradição, revelando-se singular pelo cunho pessoal do seu criador.

O homem desenvolveu diversas modalidades de manifestação artística com o objetivo de reconstruir os mundos: real, imaginário e psicológico e resguardar a memória ao representá-la. Podermos apreciar uma obra de arte, deleitarmo-nos a absorver tudo o que essa peça nos transmite, é fenomenal! Somos uns privilegiados, quando viajamos no seu mundo, observamos, lemos, tocamos e apreendemos sinesteticamente tudo o que nos pode dar.

Deste modo, a expressão artística promove a criatividade, a imaginação e a autenticidade. Pode ser tão gratificante apreciarmos uma música, uma simples fotografia de outono, uma aquarela, uma pintura de Van Gogh, a bela escultura de Vénus de Milo que está no museu do Louvre em Paris ou a excecional obra *Romeu e Julieta* de Shakespeare.

Todas verdadeiras obras de arte, uma vez que o que as torna únicas é a desconstrução de sentidos do apreciador. "A Arte só existe se alguém a admira, porque na realidade a obra de arte és tu (...)" - do slogan de abertura do programa da RTP2 "**Isto é arte**" - representa-o nitidamente, dado que é por isso que todos gostam de arte, independentemente do estilo e do artista, porque cada um a vê com um olhar particular.

A Literatura é uma dessas formas de expressão artística. Efetivamente, a literatura é a arte construída pelas palavras, que, tal como todas as obras de arte, provoca diferentes efeitos de sentido nos leitores, fazendo-os refletir e entrar no mundo do imaginário. A essência da arte literária está nas palavras, nas suas construções simbólicas e na linguagem conotativa, isto é, figurada que remete para o sonho e nos evade momentaneamente do real.

A literatura permite-nos contactar com histórias, reais ou ficcionais, de outras pessoas, o que nos faculta uma visão mais ampliada da nossa própria história e, assim, podemos compreender melhor o passado, o presente e planejar o futuro. Enquanto leitores, interagimos com os autores, narradores, personagens e até connosco, no momento em que refletimos, criticamos, tiramos notas e nos emocionamos. Estas experiências de leitura dão-nos essência, identidade.

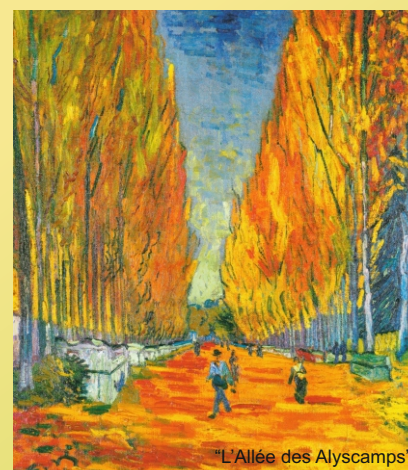
Para fomentar este gosto, deixo aqui duas sugestões que prenderam a minha atenção nos últimos tempos:

-o episódio 8 do programa da RTP2 "**Isto é arte**", dedicado ao intemporal *Romeu e Julieta* de Shakespeare.

-o projeto "levar a literatura, a música e a arte" a casa dos portugueses em tempos de pandemia promovido pela revista cultural e centenária **Broteria** que lançou e desafiou artistas como Matilde Campilho, Jacinto Lucas Pires, Tolentino Mendonça, Rui Chafes e Fausto para iniciativas a distância, porque a cultura não pode estar confinada.

Para terminar, não posso deixar de congratular todos os artistas presentes no *Guimarães Noc Noc*, um evento promotor dos talentos da nossa cidade, mas destacar a participação do artista Carlos Abreu, meu tio, que abrilhantou o evento com as suas peculiares aquarelas "Guimarães à chuva" nas quais me deleitei e que me encheu de orgulho.

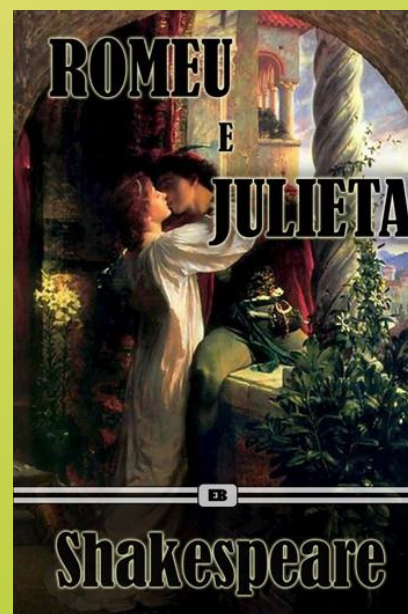
Presencial ou @ distância, sejam Arte!



"L'Allée des Alyscamps"



«Vénus de Milo», como é, como seria...



Sara Freitas



rubrica

da nossa janela...



*Testemunho de um Polvoreirense,
escuteiro e com saudades da sua Terra*

Fui escuta no Agrupamento 200 de Polvoreira, freguesia onde nasci e onde passei grande parte da minha infância e à qual estou presentemente ligado, através da Revista que, em boa hora, a Junta de freguesia resolveu editar em proveito das associações da freguesia.

Hoje, cheio de saudades, resolvi recordar o passado, agradecer, antes que não tenha oportunidade de o fazer - como aconteceu recentemente com a morte inesperada de meu irmão, o Chefe de Alcateia, Alfredo da Silva - a quem naquele Agrupamento me ajudou, me auxiliou, me orientou em tempos difíceis como eram os tempos vividos no após guerra.

A primeira recordação que me vem à memória é a do meu primeiro Acampamento Nacional, em Braga, em Agosto de 1948.

Tinha 6 anos. Só um homem chamado Avelino Marques, com a vontade de servir do Chefe Avelino, como lhe chamávamos, teria a disponibilidade mental para assumir a responsabilidade de levar um menino, que nem na escola ainda andava, para longe da sua casa, da sua família.

Passei lá, em Braga, protegido por ele, dias que jamais esquecerei!

Lembro-me da emoção de assistir ao fogo de conselho. Ainda hoje sorrio ao recordar a cena onde cinco escuteiros, de olhos vendados, procuravam fazer café numa cafeteira! A cada queimadela era um risota!

As reuniões que periodicamente tínhamos e porque ansiosamente esperávamos, em cada semana, em cada mês, eram os pontos altos de vivência da nossa meninice. O nosso chefe, o Chefe Avelino, era um homem alto, sempre com um sorriso no rosto, que nos contava histórias de encantar. Tanto nos falava de aviões com uns pneus enormes, como de soldados analfabetos que encontrara na tropa.

Ainda hoje retenho na memória a estória que contou de um sargento que perguntou a um recruta o que representava a Bandeira Nacional. Como ele não sabia, explicou-lhe:

- A Bandeira Nacional representa a nossa Pátria, o nosso povo, a nossa mãe, tal como a mãe do 31 representa para ele.

Feita a explicação, o sargento vira-se para um recruta e pergunta:

- Então o que representa para ti, ó 19, a Bandeira Nacional?

- Ora, o que representa! Representa, como disse o meu sargento, a nossa Pátria, o nosso povo e a mãe do 31.

Não sei quantos anos foi meu chefe. Sei que nunca berrava com ninguém, ensinava tudo com muita paciência. Insistia para que estudássemos para fazer boa figura. Foi um pedagogo, dos melhores que encontrei em toda a minha vida. Vida, durante a qual sempre tive e sempre terei um carinho muito especial, enorme, por ele.

Que Deus lhe dê muita saúde. Obrigado, chefe Avelino Marques.

Naturalmente recordo o Toneco, mas dado não ter sido meu chefe directo, pouco convivi com ele. De qualquer forma, tenho ainda nos ouvidos o som arrepiante do seu clarim que soava nos momentos altos de celebração da Eucaristia. A porta da sede que construiu e cuja imagem tenho bem viva na minha memória, atestará a sua intemporalidade.

Entretanto, por divergência com o pároco de então, que tinha pouca empatia com o movimento escutista, contrariamente ao anterior, o saudoso Padre Bernardo cujos restos mortais estão sepultados no cemitério de Polvoreira, a prática do escutismo parou na nossa freguesia. Os jovens escutas sentem-se perdidos, saudosos de actividade, ociosos por nada ter que os motive, e começam a andar por maus caminhos. Até que dois jovens Seminaristas, Joaquim Guimarães e Miguel Ângelo, hoje padres e entusiastas do movimento escutista, tentam e conseguem reerguer na nossa freguesia o escutismo católico. E ao escolherem dois jovens para assumir a sua chefia - Assunção Abreu, para chefe de grupo e Alfredo Silva para chefe de Alcateia - relançaram o agrupamento e eu pude, dois anos depois, estar de novo num acampamento Nacional, agora no Estoril.

Mas disso darei conta no próximo mês.



Bento da Assunção Freitas e Silva

Nasceu nas Cerdeirinhas, em Covas, filho de um proprietário e industrial, que aí residia.

Fez a promessa de Lobito, em Polvoreira, com apenas seis anos, e com 19 mudou-se para a Póvoa de Varzim, onde os pais se estabeleceram e onde até hoje reside.

Casado, é pai, avô e assinante da Revista de Polvoreira.

Durante a sua vida, cumpriu por diversas vezes o seu dever de cidadania e de cristão. Durante 12 anos, foi secretário da Confraria SS e pertenceu aos órgãos sociais da Santa Casa da Misericórdia.

Foi Presidente da Junta de Freguesia da Póvoa e durante largos anos vice-presidente da Assembleia no Clube Naval Povoense.

Como antigo Escuteiro de Polvoreira, nunca quis pertencer a outro núcleo da FNA que não fosse o da freguesia onde nasceu e passou toda a sua infância.



Este acampamento marcou uma data importante do CNE pois celebrou o ano os 25 anos, as bodas de prata do movimento escutista católico. Nele foi homenageado D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo de Braga, fundador do escutismo católico em Portugal. Daí a sua grande relevância, relevância essa a que o agrupamento 200 de Polvoreira não foi indiferente.

Teve lugar entre os dias 13 e 23 de Agosto de 1948, no Bom Jesus do Monte, em Braga.

Bento A. F. e Silva



rubrica

cidadania

Sebastião de Sousa e Silva

Uma vida dedicada às actividades da Paróquia de Polvoreira



Resolvido o pagamento do órgão, o Grupo Coral entrou em actividade, em forma de cruzeiro. Era um Grupo Coral inovador, modernizado, onde a utilização das violas fazia toda a diferença. Os noivos gostavam e os convites choviam. Durante o Verão, chegavam a tocar dois e três casamentos por semana. Não apenas na freguesia, como é evidente, mas em quase todo o concelho e mesmo fora dele.

Sebastião e Silva recorda-se de dois episódios que são bem o retrato de um tempo. Certo dia, o Grupo Coral foi convidado para abrilhantar um casamento a realizar em S. Torcato. Como sempre fazia, Sebastião, devidamente acompanhado de outros membros do Grupo, entrou em contacto com o respectivo pároco, o Padre Arieira - cujo nome faz, hoje, parte da toponímia da freguesia - para acertar os pormenores sobre o decorrer da cerimónia. Ao saber da utilização de violas na celebração, o Padre Arieira, informou-o:

- Violas numa celebração Eucarística? São anti-litúrgicas!

Depois de respeitosamente lhe terem explicado que essa intervenção era cuidadosa e aceite já em muitas paróquias, o Padre Arieira, disse-lhe:

- Bem, mas toquem de mansinho... Se eu não gostar, interrompo.

No final, o Padre Arieira, visivelmente satisfeito, só afirmou:

- Apareçam mais vezes.

Cena idêntica aconteceu em Pombeiro onde, só depois de muita insistência, o Pároco aceitou a utilização na cerimónia de violas mas que, no final da celebração, confessou, sinceramente, ter gostado.

A fama começou a espalhar-se e o dinheiro a abundar na caixa do Grupo. Era hora de crescer, de comprar um órgão mais moderno, mais sofisticado. Tinham junto já, cerca de mil contos. Estávamos em 1994. Apreçaram um cujo custo rondava os mil e duzentos.

Foram ter com o industrial Sr. António Vaz, que anteriormente havia convidado o Grupo para abrilhantar a cerimónia de casamento de duas filhas, sem que o Grupo tivesse feito qualquer cobrança monetária, e que agradeceu dizendo-lhes:

- Se precisarem de umas violas para o Grupo, digam.

Desta vez, perguntou-lhes:

- Quanto falta?

- Duzentos e cinquenta contos - disseram-lhe.

Puxou da caneta, abriu o livro de cheques e preencheu um com a respectiva importância que lhes entregou sem mais!

A partir daí, devidamente equipados, o sucesso foi ainda maior. Com os cofres recheados o



Grupo decidiu compensar, de algum modo, o esforço hercúleo dos seus membros.

Grande parte deles eram trabalhadores que, durante cinco dias da semana, labutavam numa empresa onde ganhavam o pão do dia a dia, para alimentarem os seus. Aos fins de semana, dias de descanso laboral, abrilhantavam cerimónias litúrgicas andando dum lado para o outro, sem descanso. Sebastião e Silva e sua esposa, La-Salette Abreu, deixaram de frequentar os convívios semanais com a família para os dedicar ao Grupo.

A parca compensação foi a instituição de um passeio anual. Durante cerca de 25 anos, aproveitando um feriado ou uma ponte, nomeadamente a resultante do 10 de Junho, o Grupo alugava uma camionete e lá partia, em regra, em direcção a sul, com cestas recheadas de merendeiros.

Mas por duas vezes, na segunda metade da última década do século passado, o Grupo decidiu ir mais além. Não só alugou a camionete, como pagou aos seus membros a estadia de um fim de semana, com direito a jantar e pequeno almoço, num hotel de referência no Algarve: o Vila Galé.

Os membros do Grupo Coral de Polvoreira, lado a lado com a elite turística portuguesa e não só! Foi o apogeu do Grupo!

Mas a vida de dedicação à paróquia de Sebastião Silva e esposa não se cingiu à colaboração estreita com o Grupo Coral. Ela foi bem mais extensa, como temos vistos a dar conta.

Na revista de Agosto, noticiamos a actividade de Sebastião de Sousa e Silva ao serviço da Paróquia, no início dos anos sessenta, quando integrou a Confraria do Santíssimo Sacramento, e na década de oitenta, quando fez parte da Comissão das Festas de S. Pedro, festas cuja receita permitiram recuperar a torre sineira da Igreja.

Na verdade, sempre Sebastião e Silva disse sim aos convites para trabalhar na Vinha do Senhor, Vinha que os Evangelhos, de há semanas, evocaram.

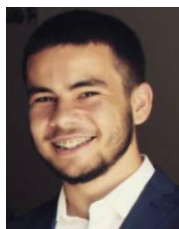
Certo dia de 1985, num domingo de tarde, quando descansava depois de ter participado no Coro que acompanhou a missa dominical, recebeu um telefonema não identificado que soube mais tarde ser do Sr. Paraíso, um paroquiano de Mesão Frio, funcionário bancário e pai de um dirigente da FNA, em Guimarães. Tomara a iniciativa de o convidar, face ao conhecimento que tinha da sua disponibilidade para servir a Igreja, a ser membro de um CPM - Centro de Preparação para o Matrimónio.

Sebastião e Silva não hesitou. Aceitou mais um convite para trabalhar na Vinha do Senhor e nos dois meses seguintes, dedicou parte do seu tempo pós-laboral a frequentar cursos de preparação para o efeito.



rubrica

os nossos colaboradores



Diário de Teresa Gil

Contin., Capítulo VIII

Ramiro, I Rex Portucalense **Irmão de criação de Mumadona**

Continuando na rota dos meus antepassados, seguindo o rasto deixado pelos seus passos nesta Terra que o Bom Deus criador de todas as coisas visíveis e invisíveis nos deu para vivermos a nossa vida terrena, encontrei Ramiro que, afinal não se chamava Rodrigo, como me parecera da primeira leitura que fiz dos pergaminhos, que foi criado em Coimbra, haveria de casar em Viseu e que foi um dos primeiros promotores do nosso reino.

Da leitura das crónicas albicastrenses, fiquei a saber que Portucale passou a condado por causa de uma coisa chamada Presúrias. Na verdade parece que Afonso, o pai de Ordonho II - o tal que casara com a portucalense Elvira - para melhor combater os mouros concedeu a diversos cavaleiros o direito de usufruírem de determinadas terras se as conquistassem e defendessem desses infieis. Isto sempre, claro, debaixo da sua soberania real.

Foi assim que foi confiado a Afonso "Betote" o repovoamento do litoral nortenho do nosso reino; a Vimara Peres a presúria da "civitas de Portus e Calle"; e a Hermenegildo Guterres a presúria de "Erminio". Desta maneira foram criados, há cerca já de 1 200 anos, os três condados mais meridionais da Galiza e cujos titulares se fundiriam, mais tarde, dando origem aos nobres de Entre Mondego e Minho.

Como essas famílias se constituíram à volta da minha Terra, Vimaranes, onde Vimara Peres fixou a sua residência, a presúria de Portus Calle é que deu o nome a Portugal. Na verdade, depois de conquistar Portus e Calle, por uma questão de maior segurança, para se proteger das invasões dos normandos, Vimara Peres fortificou uma pequena povoação que existia no local onde foi construído o Castelo de Vimaranes e que se chama Vila Alta, ou Vila do Castelo, onde se realizam as feiras, com foro real, em contraponto com uma outra Vila, a Vila Baixa, que fica junto da colegiada de Santa Maria da Oliveira e onde vivem os ricos-homens.

Já tinha escrito no meu diário que depois da morte de Afonso III, acabou rei de Leão, Ordonho II. Ora acontece que a educação do filho deste, Ramiro, fora entregue a Diogo Fernandes, um fidalgo leonês, que se refugiara no final dos anos oitocentos em Coimbra e que era o pai da Mumadona, a fundadora do nosso Castelo. Nada de mais natural pois, por essa altura, Hermenegildo Guterres, avô de Ramiro, vivia em Coimbra, já que, como descobri e escrevi no meu diário, Hermenegildo era pai de Elvira, a primeira portucalense rainha de Leão. Naturalmente que a Mumadona, nascida por essas alturas, foi criada com Ramiro e dele se tornou muito próxima a ponto de, em 926, Ramiro, lhe ter doado a baixa de *Creiximir*.

Ramiro, futuro Ramiro II, casa, em 925, com Ausenda Guterres, sua prima direita, filha que era de Guterres Ozores e de sua tia, Aldonça Mendes. Passa a viver em Viseu onde, nesse ano, após morte do pai e a subsequente entronização, em Leão, de seu irmão Afonso, como Afonso IV, passa a ostentar o título de "Rex Portucalense".

Com isso, pela primeira vez os três territórios das presúrias passam a estar unificados debaixo de uma mesma identidade territorial e social, a constituir um reino.

Entretanto nasce-lhe um filho varão e, em 931, muda-se para Leão, depois da sua consagração como rei daquele reino, na sequência da renúncia do irmão Afonso IV, que se recolheu ao convento de Sahagún fundado pelo seu avô Afonso III que abandonará mais tarde para vir combater o irmão tentando recuperar o trono.

Vencida a guerra, e tal como acontecera a antepassados seus recentes, a Afonso IV, o Monge, Ramiro ordenou que lhe fossem arrancados os olhos para o impedir de poder continuar a combater.

Aconteceu que, tal como eu que tive de renunciar ao amor por Sancho, o filho do Rei Sábio Afonso X, a favor de Maria de Molina de quem fiquei amiga, também Ramiro se separou de Ausenda Guterres para casar com a filha do Rei de Navarra por interesses do reino. Ausenda Guterres, também como eu se recolheu num convento mas a sua família continuou a ficar ao lado de Ramiro tendo sido o pai de Ausenda um dos seus principais colaboradores.



Nuno A.P.O.E. de Abreu



Depoimento do seu Fundador

Manuel Faria da Silva

Foi, no dia 1 de outubro de 1990, que comecei a minha actividade de Agente Funerário por conta própria. Há já nove anos, que trabalhava numa instituição que se dedicava àquela actividade, compreendendo aí a sua especificidade e a sua delicadeza.

Para perseguir o meu objetivo, vendi a casa que possuía, em Berrega, e aluguei uma casa e uma loja ao Sr. João de Araújo, onde instalei a minha Agência. Com o dinheiro da venda casa, comprei o material necessário ao exercício da actividade, um carro funerário, um Mercedes dos antigos, a uma funerária que fechara em Ronfe.

Logo no dia 2, surgiu-me a oportunidade de organizar o funeral da mãe de um grande amigo meu, em S. Clemente de Sande.

Tive de arriscar muito para poder exercer a minha actividade com eficiência. A minha esposa deixou de trabalhar como empregada e foi para casa com baixa médica. Todavia, passado algum tempo, teve alta, regressou ao trabalho e eu, sozinho, arqueei com todas as responsabilidades... Tinha a renda para pagar e dois filhos para criar.

Felizmente as coisas, nesses três primeiros meses, não podiam ter corrido melhor. Organizei, nesse período, 60 funerais! Com isso, dei conta que aquele espaço que ocupava nos Carvalhos, não era o mais adequado porque, de certa forma, ficava distante do centro populacional da freguesia. Comecei à procura de outro lugar para instalar a minha Agência e os lugares com mais visibilidade seriam, naturalmente, Covas ou mesmo a Valinha.

Nessa altura, encontrei ajuda no meu grande amigo e parente, João de Freitas, sineiro na Igreja de Polvoreira, para me aconselhar. Acabou por ser ele o intermediário para que, junto da esposa do Sr. António Neves, a D. Camila, obtivesse um contrato de arrendamento do espaço que actualmente ocupo e que se está a tornar exíguo para toda a actividade que de momento exerço.

30 ANOS DE ACTIVIDADE!

AGÊNCIA FUNERÁRIA SÃO PEDRO DE POLVOREIRA, LDA.

Mas não era apenas o espaço que precisava de substituir. O carro funerário era já um pouco antiquado, precisava de o renovar, de acompanhar os novos tempos.

Comprei uma carrinha nova que o Sr. Augusto Ramos transformou em carro funerário. Mas, aqui, um problema se levantou. Era necessário legalizá-la junto da Direcção Geral de Viação em Braga. Foi aí que recorri de novo ao meu parente, João de Freitas, que tinha um amigo Eng^o que fez a planta do carro e que tornou possível a aprovação na inspecção a que foi sujeita naquela direcção de viação.

O exercício competente da minha actividade levou a um natural crescimento acabando por ter necessidade de instituir duas filiais: uma em Moreira de Cónegos, associada a Joaquim Mendes; outra em Vilarinho associada a José de Castro.

Naturalmente que isso me obrigou a adquirir mais um carro funerário, já de luxo, no Salvador Caetano, em Vila Nova de Gaia e, sempre num crescendo de actividade, comecei a frequentar feiras que expunham equipamento para o exercício do serviço funerário, acabando por adquirir uma limusine, na qual despendi verbas muito significativas.



Claro que nesta actividade existe muita concorrência, muitas vezes desleal, mas, felizmente, com a ajuda da minha família, privando-me muitas vezes da sua companhia, porque um funeral não tem horário e, por isso, há muito pouca gente que quer assumir um trabalho onde tem de estar disponível em qualquer das 24 horas do dia!

Hoje, com 66 anos, tenho a minha casa, uma boa reforma e um filho que já me substituí em tudo!

Muito obrigado!

Manuel Faria da Silva

JANELA DA SAUDADE



FALECEU

D. Maria da Graça da
Rocha Ferreira
Rua das Janelas, n.º 514
Polvoreira, Guimarães



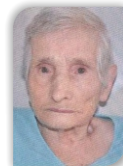
FALECEU

Manuel Ribeiro
Marques
Rua das Poceiras n.º 205-D
Polvoreira, Guimarães



FALECEU

D. Rosa de Freitas
Gonçalves
Centro Social e Paroquial de
Polvoreira, Guimarães



FALECEU

António Lopes
Pinheiro
Quinta de S. João, n.º 2915
Polvoreira, Guimarães



FALECEU

Adão Fernandes
Tililano
Estrada Nacional 105, 2 200
Polvoreira, Guimarães



AGÊNCIA FUNERÁRIA SÃO PEDRO DE POLVOREIRA, LDA.



253 523 580 966 037 910
253 524 057 966 618 931
funerariasapetro@sapo.pt



253 523 841
936 806 682
934 801 904

FRANGO À RIO
POR RESERVA E
OUTROS PRATOS

R.Cmte. João de Paiva Faria Leite Brandão, 233
4835 - 192, Polvoreira, Guimarães



COMPRO E VENDO
EQUIPAMENTOS USADOS

FRANCISCO TEIXEIRA
NEGÓCIOS

Polvoreira - Guimarães
931 604 572
franciscoteixeiranegocios@gmail.com



VITÓRIA S.C.

Talho Oliveira

Rua das Oliveiras - Polvoreira - GMR
TLF: 253 524 010 - TLM: 917 537 242




Rua Cmt. João de Paiva Faria Leite Brandão, 2005
Polvoreira - Guimarães

253 522 372



CASA DOS BOMBOS ALVES
José Manuel Salgado Alves

Rua N.º Sr.ª de Fátima, 524
Polvoreira, Guimarães

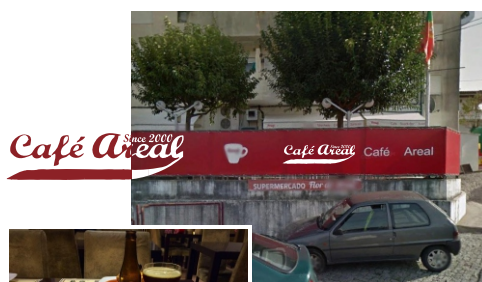
962 930 407

O Pontido -
- Café Snack Bar, Lda



Largo Campo da Casa Nova 48,
4835-144, Polvoreira, Guimarães

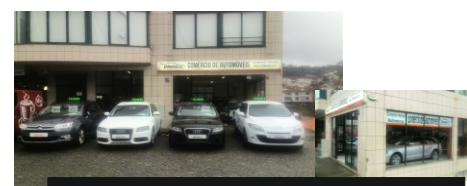
253 523 136



Café Areal

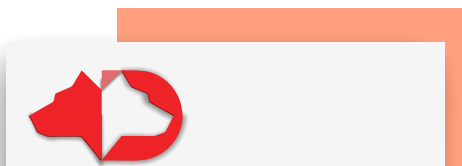
Rua Ribeiro da Ponte, 530
Polvoreira - Guimarães

253 522 444

Estrada Nacional 105, n.º 1531
Polvoreira, Guimarães

932 665 701



Filipe Abreu
Mediador Exclusivo

filipeabreu@meo.pt
T. +351 253 464 888
M. +351 916 987 933

Rua António Costa Guimarães, 2861
4810-491, Urgezes, Guimarães
fidelidade.pt



TECNOLOGIAS
ESTRATÉGICAS

Sonhe, nós
desenvolvemos!

Equipamentos e Serviços de
Informática, S.A.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 424 570
Fax: (+351) 253 514 704

E-mail: geral@vimaponto.pt

Apoie as associações
de Polvoreira!



SINCRONIDEIA
Data Privacy & Security

SINCRONIDEIA - Informática, Lda.

Rua dos Estoleiros N.º304, Polvoreira
4835 - 163 Guimarães

Telf: (+351) 253 036 727
geral@sincronideia.pt



CliHotel
de Guimarães

253 424 400
E.N. 105, n.º 787 - 4835-164, Guimarães




A.P. SOFT
Joaquim Araújo

A. P. SOFT - Programação e Serviços, Lda.
Consultoria Informática
Assistência técnica
Formação

SOFTWARE DE GESTÃO - PRIMAVERA SOFTWARE
Loja de Informática - Computadores IBM / HP / DELL / Asus / Lenovo
Redes / Internet / Serviços Multimédia / POS / Acessórios

252 510 048 - 963 936 200
Rua Cmt. João de Paiva Brandão, 233, Polvoreira
4835-175, Guimarães

apsoft@apsoft.pt
GPS: N 41.42014 - W -8.30070